

# A mediação pedagógica no gênero chat educacional numa disciplina da UNILAB-CE

## *Mediation in educational genre chat in educational discipline UNILAB-CE*

José Olavo da Silva Garantizado Júnior<sup>1</sup>

### Resumo

O presente trabalho tem como objetivo discutir de que maneira o conceito mediação pedagógica pode lançar luzes no estudo da construção do conhecimento entre os participantes de sessões de chat educacional, sujeitos envolvidos no processo ensino/aprendizagem na modalidade de Educação a Distância (EaD). Para isso, empreendemos um esforço para discutir a categoria mediação pedagógica a partir das perspectivas teóricas de Vygotsky (1998), que conceitua a existência de uma mediação simbólica a partir de uma perspectiva interacional; Masetto (2000), o qual apresenta a competência dos professores universitários e as suas habilidades na modalidade Educação a Distância (EaD); Abreu (2002), que discutiu a necessidade de o professor conhecer e dominar o chat educacional para poder torná-lo um gênero eficaz na educação; Gutierrez e Prieto (1994) e Araújo (2006), que analisaram a construção sócio-colaborativa do conhecimento no gênero chat educacional. No que tange à modalidade de ensino EaD, partiremos dos trabalhos de Alves (1998) e Elias & Souza (2004), cujos trabalhos focalizam os aspectos historicistas e a importância dessa nova modalidade de ensino. Os resultados de nossa incursão pela literatura especializada sinalizam para a ressignificação que o professor sofre nos chats educacionais em que atua, assumindo a condição de mediador pedagógico.

**Palavras-chave:** Mediação Pedagógica. Ensino a Distância (EaD). Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVAs).

### Abstract

The purpose of the present study is to discuss how the pedagogical mediation concept can explain the knowledge construction among participants of an educational chat, having

---

<sup>1</sup> Doutor e mestre em Linguística pela UFC. Professor Adjunto do Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (IHL/ UNILAB)

Contato: olavogarantizado@unilab.edu.br

in mind that these participants are involved with the Distance Education (DE) teaching-learning process. To do so, we undertook a great effort to discuss the pedagogical mediation category based on the theoretical perspectives of Vigostky (1998), who conceptualizes the existence of a symbolic mediation supported by an interactional perspective from Masetto (2000), who presents the competence of university teachers and their abilities on the Distance Education (DE) modality; also Abreu (2002), who has discussed on the necessity that a teacher needs to know and master the educational chat so that s/he can turn it into an efficient educational genre, Gutierrez & Prieto (1994), and Araújo (2006), who have analyzed the socio-collaborative knowledge construction using the educational chat. In relation to the distance learning modality, we have as a guide the authors Alves (1998) and Elias & Souza (2004), whose researches focus on the historical aspects of it and on the importance of this educational modality. The results of our incursion into the specialized literature signal for the re-signification that the teacher suffers in the educational chats s/he acts in, assuming the role of a pedagogical mediator.

**Keywords:** Pedagogical Mediation. Distance Education. Virtual Learning Environments (VLE).

## Introdução

Nos últimos anos, o processo de ensino-aprendizagem vem sofrendo significativas mudanças devido à inserção de outras modalidades ao contexto de sala de aula. Dentre elas, os Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVAs) destacam-se como novas ferramentas que objetivam complementar a formação de profissionais no ambiente universitário.

Ciente disso, nesta pesquisa, apresentaremos os resultados de uma experiência de mediação pedagógica no Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (SIGAA) da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), na Disciplina de Leitura e Produção de Textos II, num chat educacional destinado à orientação sobre o gênero resenha crítica. Dentro da programação da disciplina, havia um chat educacional marcado para a quarta aula. Antes que ele ocorresse, o docente ministrou a aula presencial sobre o tema “Resenha Acadêmica”, apresentando a estrutura do gênero, os seus movimentos retóricos mais comuns, os tipos de resenhas existentes e exemplos de resenhas presentes em algumas revistas acadêmicas de Humanidades. No final da aula, o docente comunicou para os estudantes que, no dia seguinte, especificamente no dia 18 de março de 2016, a partir das quatorze horas, o chat estaria aberto para a discussão dos textos sugeridos para análise.

Na plataforma do SIGAA, os estudantes receberam o comunicado oficial por e-mail, sob o comando de “notificação”, que é um recurso presente no sistema para notificar todos os integrantes da Sala Virtual (nome do ambiente que envolve os alunos e o professor). 36 alunos (dos 50 matriculados) chegaram a fazer o login no sistema no momento de integração teórica e prática da disciplina.

A aula teve duração de uma hora e vinte e cinco minutos e cerca de 30 sujeitos manifestaram-se efetivamente, sendo que seis deles, sob a alegação de precariedade no sistema de internet nos lugares em que estavam acessando, não conseguiram acompanhar os turnos das discussões no sistema. Após o final da aula, copiou-se todos os turnos e colocou-se num documento em formato world (.doc), a fim de que se pudesse facilitar a análise dos dados. Por uma questão de preservação das faces dos sujeitos envolvidos, estipulamos uma codificação, obedecendo aos seguintes critérios: o professor foi designado de TUTOR; os alunos foram chamados de ALUNO, seguido do número da chamada deste no sistema SIGAA. Assim, o ALUNO1, por exemplo, é o primeiro nome da lista de chamada da turma virtual, por isso o 1 indicativo no código, e “aluno” para não colocarmos o nome do informante. Optamos por esse procedimento por considerarmos mais fácil de identificarmos os sujeitos envolvidos no processo comunicativo.

Em termos teóricos, este artigo tem como objetivo principal discutir de que maneira o conceito mediação pedagógica se constitui como um mecanismo eficiente na construção do conhecimento entre os participantes de sessões de chat educacional na Plataforma SIGAA numa disciplina na UNILAB-CE, além de apontar como é o processo de interação dos sujeitos envolvidos no processo ensino/aprendizagem na modalidade de Educação a Distância (EaD).

Para tal, baseamo-nos na proposta de Vygotsky (1998), que conceitua a existência de uma mediação simbólica a partir de uma perspectiva interacional, Masetto (2000) apresenta a competência dos professores universitários e as suas habilidades na modalidade Educação a Distância (EaD); Abreu (2002) discutiu a necessidade de o professor conhecer e dominar o chat educacional para poder torná-lo um gênero eficaz na educação; Gutierrez e Prieto (1994) e Araújo (2006) analisaram a construção sócio-colaborativa do conhecimento no gênero chat educacional. No que tange à modalidade de ensino EaD, partiremos dos trabalhos de Alves (1998) e Elias & Souza (2004), que focalizam os aspectos historicistas e a importância dessa nova modalidade de ensino

Entendendo os momentos de interação entre professor/mediador e os alunos como um evento sociodiscursivo de grande relevância para o processo de construção do conhecimento, e reconhecendo a importância da modalidade em EaD para o ensino superior, examinamos neste trabalho:

(i) a importância dos Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVAs) para a constituição da modalidade de Educação a Distância (EaD), mostrando as vantagens e as desvantagens para o processo de ensino-aprendizagem;

(ii) análise do papel do professor enquanto mediador do conhecimento no gênero chat educacional na Plataforma SIGAA da UNILAB;

Para fins de organização dos dados e dos resultados, optamos por seguir com os debates teórico e analítico conjuntamente, começando pelas reflexões sobre AVAs, seguindo pelo papel do professor/tutor como mediador do conhecimento sobre o gênero resenha acadêmica.

## **1 Os Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVAs) na Educação à Distância (EaD)**

Nos últimos anos, o processo ensino/aprendizagem vem se modificando sobremaneira devido aos vários avanços tecnológicos que possibilitaram estudar em ambientes virtuais de aprendizagem (AVAs). Em muitas situações, o uso de recursos tecnológicos possibilita a diminuição das principais dificuldades existentes pela distância física entre alunos e professores. A tecnologia da informática permite criar um ambiente virtual em que alunos e professores sintam-se próximos, contribuindo para o aprendizado colaborativo. Além disso, possibilitam o armazenamento, distribuição e acesso às informações independente do local.

Os AVAs<sup>2</sup> implicam o uso de recursos de Educação a Distância (EaD). Esta modalidade de ensino possui várias denominações e conceitualizações. A Educação a Distância surgiu no Brasil em 1904, utilizando o texto escrito (correspondências) para a troca das informações. As primeiras iniciativas foram de instituições privadas com ofertas de iniciação profissional em áreas técnicas.

---

<sup>2</sup> Estamos chamando de ambientes virtuais de aprendizagem (AVA) os espaços desenvolvidos com base em interfaces disponíveis na web, possibilitando a interação e a produção de *conhecimento* entre alunos e professores. É também um suporte computacional desenvolvido por pesquisadores, reunindo recursos e interfaces comunicacionais que permita compartilhamento e troca de informações.

O Instituto Rádio Monitor, em 1939, o Instituto Universal Brasileiro, em 1941, e outras organizações similares atenderam vários estudantes em cursos abertos de iniciação profissionalizante pela modalidade de ensino por correspondência. Em 1996, surgiu a primeira legislação específica para Educação à Distância no ensino superior, com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei nº9.394, de 20/12/1996), em especial no artigo 80, que pela primeira vez no país, estabelece a EaD para todos os níveis e modalidades de ensino.

Na literatura especializada, fala-se, frequentemente, nas modalidades de Ensino a Distância e de Educação a Distância como se elas fossem sinônimas. No entanto, Ensino “representa instrução, socialização de informação, aprendizagem expressando um processo de ensino aprendizagem” (MAROTO, 1995, p. 3); enquanto Educação é “**estratégia básica** de formação humana, aprender a aprender, saber pensar, criar, inovar, construir conhecimento, participar etc.” (MAROTO, 1995, p. 3 [grifo nosso]). É nesta segunda acepção que pretendemos discutir o significado e as dimensões que abarcam a EaD.

Esta última modalidade de ensino, segundo Elias e Souza (2003, p. 4), é bastante antiga e remonta à antiguidade clássica, período o qual os mestres e os alunos compartilhavam o conhecimento através de cartas, como Platão fazia com os seus discípulos, por exemplo. Para Alves (1998), a primeira forma de educação a distância deve ser atribuída diretamente à invenção da imprensa por Gutenberg, no século XV, pois o referido meio de comunicação possibilitou o acesso e a reprodução do conhecimento sem a presença de um professor e de uma forma mais acelerada.

Como podemos observar, não há consenso no que tange à origem da modalidade Educação a Distância (EaD). Visões divergentes à parte, o certo é que essa modalidade de ensino representa uma maneira de se produzir conhecimento a partir de novos métodos educacionais por parte dos professores e dos aprendizes.

Segundo Moran, “a construção do conhecimento, a partir do processo multimídico, é mais ‘livre’, menos rígida, com conexões mais abertas” (MORAN, 1998, p. 148). Dá-se isso devido à sociedade contemporânea sempre buscar a informação de forma intensa e frenética e, cada vez mais, faz-se necessário uma maior praticidade nesta busca, o que é conseguido em mídias como a televisão, o rádio e, principalmente, com a Internet. Na verdade, “cada vez mais são mais difundidas as formas de informação multimídica ou hipertextual” (MORAN; MASSETO; BEHRENS, 2000, p. 21) em nossa sociedade. É nessa perspectiva que os AVAs estão cada vez mais sendo usados em diferentes contextos

pedagógicos que vão desde cursos básicos de línguas estrangeiras a cursos regulares de educação superior (cf. MORAN; MASETTO; BHRENS, 2000).

Em meio a tudo isso, surge, então, uma forte tendência de migração da educação presencial para a educação em ambientes virtuais de aprendizagem nos últimos anos. Tal tendência nos leva a refletir sobre a eficácia dos métodos e da adequação da tecnologia empregada nas atividades nesses ambientes. Devido a isso, uma série de questões acerca da inserção dessa modalidade de ensino em nosso sistema educacional se faz necessária: será que o ensino em ambientes virtuais de aprendizagem é eficaz? Qual o papel do professor nesse processo de geração do conhecimento? Até que ponto uma aula virtual pode substituir uma aula presencial e, assim, proporcionar aprendizagem nos alunos? Responder a essas perguntas é, pois, um desafio para linguistas, pedagogos, sociólogos, cientistas da computação, entre outros pesquisadores interessados na aplicabilidade das ferramentas virtuais no ensino, mas tais respostas só poderão ser respondidas na posteridade, haja vista que a EaD em ambientes virtuais ainda se encontra em uma fase de aperfeiçoamento e adequação das ferramentas das mídias aos anseios da sociedade.

Mesmo assim, é bastante oportuno ressaltarmos a importância dessa nova modalidade de educação, considerando que o paradigma da sociedade do conhecimento (POZO, 2002) e da tecnologia demanda das pessoas uma nova postura acerca do processo de aprendizagem. Aos professores cabe a árdua tarefa de se habitarem à ideia de que não são mais o centro das atenções em uma sala de aula virtual, como um chat educacional (ARAÚJO, 2005), mas que são os facilitadores de um *continuum* pedagógico em que o objetivo principal é a aprendizagem dos seus alunos; estes não possuem horários rígidos para cumprirem, e a aprendizagem destes se pauta a partir de sua própria autodeterminação e persistência, haja vista que o grande compromisso do aprendiz nos ambientes virtuais é consigo mesmo.

É inegável que uma das maiores vantagens na modalidade EaD é, sem dúvida, o alcance do conhecimento de um público maior e mais variado do que na educação presencial. Outra vantagem que podemos destacar é a flexibilidade dos recursos metodológicos que a EaD proporciona. Contudo, entre as desvantagens, podemos apontar o fato de que a falta de troca de experiências e relações humanas entre aluno e o professor e entre o aluno com aluno podem tornar o processo ensino/aprendizagem bastante mecânico, pois tanto o professor como os alunos estarão envolvidos em uma interação mediada por um computador.

Deve-se dizer, no entanto, que a falta de socialização está sendo minimizada pela intermediação de recursos da Internet como a utilização de webcams e videoconferências nas aulas, além de várias modalidades de chats ou bate-papos virtuais. É para este último recurso bastante usado na modalidade de EaD que focalizaremos nossa atenção neste trabalho, destacando o papel do professor na construção do conhecimento em uma sala de aula virtual, que se faz a partir de uma mediação pedagógica em que ele passa a ser um colaborador, um orientador do conhecimento.

Conforme demonstrou Araújo (2005a), o chat com o qual estamos habituados no meio digital é uma transmutação da chamada conversa cotidiana pelo domínio sócio-discursivo da web. Segundo esse estudioso em um outro trabalho (cf. ARAÚJO, 2006), os chats podem ser divididos em dois grandes grupos: os chamados chats coletivos, que se caracterizam pela reunião de um grupo de pessoas e pode ser dividido em: aberto, educacional e com convidados; e os chats duais, que se caracterizam pela participação de duas pessoas, e subdivide-se em reservado, personalizado, privado e de atendimento). A união desses dois grandes grupos forma uma constelação de gêneros.

Abreu (2002) discutiu a necessidade de o professor conhecer e dominar o chat educacional para poder torná-lo uma ferramenta eficaz na educação. Segundo tal estudiosa, um dos problemas existentes no uso do chat educacional é a falta de habilidade no manuseio dos recursos desse gênero por parte dos professores no momento das interações com os alunos. O domínio das ferramentas a serem usadas nos ambientes virtuais de aprendizagem, assim, possibilitaria um melhor desempenho por parte dos alunos e, conseqüentemente, para o professor nas mediações do conhecimento nas salas de bate-papo. Nessa perspectiva, o chat educacional é um gênero do discurso que possibilita uma maior interação entre os envolvidos no processo ensino/aprendizagem, professor-aluno e aluno-aluno, através de um processo mediado pedagogicamente pelo professor e de forma colaborativa entre todos os envolvidos nas interações.

## **2 A mediação pedagógica e o papel do professor nas AVAs**

A mediação pedagógica é vista como um aspecto fundamental para proporcionar um melhor desempenho no processo ensino/aprendizagem. Ela constitui um movimento de relações que permite a recriação de estratégias para que o aluno possa aprender de forma colaborativa com o seu professor e com os outros alunos. O professor necessita ter clareza da sua intencionalidade (o

quê, como e por quê) e, ao mesmo tempo, conhecer o processo de aprendizagem do aluno, para fazer a mediação pedagógica. Este conhecimento do aluno, no entanto, não deve restringir-se aos aspectos cognitivos, é preciso considerar a existência da inter-relação dos aspectos afetivos e contextuais (sociais e culturais) no processo de aprendizagem.

Hegel (1936), em sua concepção teórica materialista e dialética, propôs que o sistema de representação simbólica que atua em nossa experiência sensível desempenha papel fundamental na nomeação e designação dos objetos fazendo com que estes ajam e reajam entre si a partir de uma mediação (relação indireta) existente entre eles. Tal concepção simbólica influenciou diretamente Vygotsky (2000), que desenvolveu uma teoria calcada nos aspectos psicológicos e socioculturais do desenvolvimento humano, valorizando a mediação simbólica. Segundo tal teórico, suas concepções se baseariam “na abordagem materialista dialética de análise da história humana” (VYGOTSKY, 2000, p. 80),

A mediação proposta por Vygotsky (2000) baseia-se na interação entre um sujeito e as outras pessoas, sendo que os sujeitos envolvidos no processo caracterizam-se por serem constituídos e constituintes nas e pelas relações sociais. Na verdade, são os sujeitos que se relacionam na e pela linguagem no campo das intersubjetividades.

Um importante conceito de Vygotsky (2000) é o de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), que seria “a distância entre o nível de desenvolvimento real e o nível de desenvolvimento potencial” (p. 112). Assim, a mediação pedagógica interage sobremaneira com a ZDP (zona proximal de desenvolvimento) de Vygotsky. As discussões presente nos chats educacionais evidenciam o trabalho multidirecional operante na ZDP (de professor para aluno e de aluno para aluno). Tal fato mostra que a mediação pedagógica no ambiente digital, ao se valer das linguagens como seu instrumento primeiro de interação, entrelaça-se na ZDP de forma a evidenciar os avanços no processo de ensino-aprendizagem, estabelecendo para o aluno a estrutura básica a partir da qual ele irá construir seu próprio conhecimento (OLIVEIRA, 2002).

De acordo com Gutierrez e Prieto (1994, p. 62):

A mediação pedagógica parte de uma concepção radicalmente oposta aos sistemas de instrução baseados na primazia do ensino como mera transferência de informação. Entendemos por mediação pedagógica o tratamento de conteúdos e das formas de expressão dos diferentes temas, a fim de tornar possível o ato educativo dentro do horizonte de uma educação

concebida como participação, criatividade, expressividade e relacionalidade.

Como podemos observar na citação acima, mediar as atividades pedagógicas não é somente repassar uma série de conteúdos para os alunos de forma mecanicista e sem haver interação, diálogos entre professor e aluno, mas é instigar este último a ter a consciência de que pode adquirir conhecimento de forma independente, criativa, proporcionando nele a vontade de participar das atividades propostas e de expressar as suas dúvidas.

A autonomia por parte do aluno/aprendiz é algo que se adquire gradualmente ao longo do curso, nos diferentes níveis de desenvolvimento deles e, nesse aspecto, o mediador/professor é de fundamental importância, pois é ele quem deve ajudar “o estudante a compreender os objetivos do curso” (DION, 1985, p.9), assim como deve ser um “observador que reflete e um conselheiro sobre os métodos de trabalho, um psicólogo que é capaz de compreender as questões e as dificuldades do aprendiz e de ajudá-lo a responder de maneira adequada e, finalmente, um especialista em avaliação formativa” (DION, 1985, p.9) em vários ambientes.

Masetto entende a mediação pedagógica como a “atitude, o comportamento do professor que se coloca como um facilitador, incentivador, o motivador da aprendizagem” (MASETTO, 2000, p.144 ). Temos que o professor “se apresenta com a disposição de ser uma ponte entre o aprendiz e sua aprendizagem – não uma ponte estática, mas uma ponte ‘rolante’, que ativamente colabora para que o aprendiz chegue aos seus objetivos” (MASETTO, p. 144). Podemos perceber isso no exemplo 1:

Exemplo 1:

**1. TUTOR** diz: Olá, ALUNO12!!!

**2. TUTOR** diz: como vai? Como foi a leitura do texto sobre resenha crítica? Conseguiu compreender um pouco dos movimentos retóricos presentes naquele gênero? Que bom ter dado certo teclarmos hoje, pessoal.

**3. ALUNO12** diz: TUTOR, foi interessante a leitura, mas confesso que é complicado, pois no ensino médio não temos esses gêneros... kkkkk essas coisas não são dadas para nós lá, apenas dissertação, dissertação e dissertação. ! Você pede a Deus que pare de estudar aquilo e, quando vem para a faculdade? Estudar como argumentar numa resenha... kk

**4. ALUNO 08** diz: ALUNO12, com certeza. Gostei muito das explicações da autoria, pois revelaram como é o movimento retórico que o senhor falou na aula. Eu entendi sobre a opinião, expor a opinião após a leitura do texto, estava muito preocupado. Quando eu recebi o seu retorno por e-mail, TUTOR, mandando eu refazer a parte final, percebi como era a estrutura do gênero.

**5. ALUNO 05** diz: Verdade, o texto da professora é muito claro e explica muito bem todas as partes da resenha. Fica muito fácil agora, mas senti muitas dificuldades mesmo, como o ALUNO 12 comentou. Lá na escola era diferente demais do que cobram aqui na universidade em termos de escrita e de opinião, lá era mais simples, aqui mais complexo pelas citações dos autores e pela opinião nossa a partir de alguém..ainda acostumando, mas dará certo kkk.

**6. ALUNO 05** diz: Só tou triste com uma coisa... eu esqueci de trazer o livro de PowerPoint, daí, não vai dar pra eu acompanhar a leitura dos itens do texto com o senhor

**7. TUTOR** diz: mas...

**8. TUTOR** diz: que bom que todos tiveram a leitura como proveitosa, pessoal.

**9. ALUNO 2** diz: UFA!!!!!!!!!!!! Até que enfim posso discutir, acabei a leitura agora. Concordo com todos, é muito claro o texto mesmo, viu?

Como podemos perceber o tutor, responsável pelo processo de mediação pedagógica na aula chat em destaque tenta interação do processo comunicativo por meio de ações comunicativas a partir de perguntas sobre o conteúdo ministrado na aula presencial. Percebemos que tal professor está ciente de sua responsabilidade como mediador do conhecimento e instiga o seu aluno a perguntar e a expor as suas dúvidas a partir de uma relação de maior proximidade entre eles, como podemos observar no turno 2, em que o tutor diz: “que bom ter dado certo teclarmos hoje, pessoal”, o que confirma haver uma maior aproximação entre professor e os alunos. As perguntas destinadas para a turma representam, nesse processo, uma tentativa do tutor de ter o retorno do grau de compreensão teórico que os alunos estavam tendo da estrutura do gênero a ser apresentado. Isso se confirme, por exemplo, no turno 2, com as perguntas “como vai? Como foi a leitura do texto sobre resenha crítica? Conseguiu compreender um pouco dos movimentos retóricos presentes naquele gênero?” (TUTOR).

O professor/mediador constitui um elemento dinâmico e essencial no processo ensino/aprendizagem, tanto em ambientes presenciais como virtuais, contudo, é inegável que o discurso centralizador deste, tão presente em aulas presenciais, em que ele é o centro das atenções, é substituído por um discurso que visa instigar os seus alunos a expressarem as suas dúvidas e, assim, estabelecerem um contrato didático entre professor e alunos de forma colaborativa. No diálogo retirado do Chat Educacional, presenciamos a participação do Tutor somente como mediador do que está sendo debatido. Notemos que, se fosse numa aula presencial, provavelmente, o professor estaria fazendo as definições teóricas e seria, como se diz na literatura, o “centro das atenções”. Isso não ocorre no chat, pois o professor participa mais como um facilitador das informações existentes no processo de ensino-aprendizagem.

O turno 4, em que o ALUNO8 se comunica com o ALUNO12, estabelece a comunicação entre os sujeitos envolvidos no processo de comunicação e confirma que, a partir das questões inicialmente levantadas pelo TUTOR, indicou-se interação entre eles. Isso se confirma com a passagem a seguir:

Exemplo 2:

**4. ALUNO 08** diz: **ALUNO12**, com certeza. Gostei muito das explicações da autoria, pois revelaram como é o movimento retórico que o senhor falou na aula. Eu entendi sobre a opinião, expor a opinião após a leitura do texto, estava muito preocupado. Quando eu recebi o seu retorno por e-mail, **TUTOR**, mandando eu refazer a parte final, percebi como era a estrutura do gênero.

No exemplo 2, está nítida a importância da interação entre os participantes do ato comunicativo. O ALUNO 08, no ato de sua fala, confirmando as interpelações e as ideias do ALUNO 12 e, em seguida, apresentando a felicidade de ter recebido o e-mail do TUTOR sobre as dicas para refazer a resenha, são situações comunicativas que, seguindo as orientações de Araújo (2005), representam a transposição da interação face a face para o chat.

Sobre a importância do papel do formador, vale atentar para o seguinte diálogo com Valente:

O papel do professor deixa de ser o de “**entregador**” **da informação**, para ser o de **facilitador do processo** de aprendizagem. O aluno deixa de ser passivo, de ser o receptáculo das informações, para ser ativo aprendiz,

construtor do seu conhecimento. Portanto, a ênfase da educação deixa de ser a memorização da informação transmitida pelo professor e passa a ser a construção do conhecimento realizada pelo aluno de maneira significativa, sendo o professor o facilitador desse processo de construção (VALENTE, 1999, p. 18 [grifos nossos]).

A citação acima corrobora diretamente com o exemplo 1, em que nos deparamos com um exemplo desse processo de construção. Temos, então, um aluno ciente de que necessita de aprender e que participa de um processo colaborativo, como podemos perceber o ALUNO 5, que diz esperar que a partir do diálogo com o seu tutor (professor/mediador) venha a contribuir para tirar as prováveis dúvidas daquele.

Oliveira (2002, p. 56) nos apresenta que a mediação pedagógica que se estabelece é interpessoal e, portanto, colaborativa, na medida em que concebemos a mediação pedagógica como um fenômeno interpessoal, como um processo que sempre inclui relações entre indivíduos. Segundo a estudiosa, mediar está na essência da condição de homem: não linear, social, histórico, cultural e ideológico. Para confirmarmos isso, observemos outro trecho:

Exemplo 3:

**24. ALUNO 28** diz: Na verdade, acho que as informações sobre o autor..que temos que colocar no início da resenha, são importantes sim, pois como é que vamos saber quem está escrevendo? Eu já fiz profissionalizante de enfermagem, gente, e lá ninguém sabia de nada, quem eram os autores..apenas eram dados os textos...agora que tenho noção disso...por isso que é importante esse texto, a resenha.

**25. ALUNO 30** diz: TUTOR, eu compreendi bem a estrutura, mas confesso que o problema da resenha não é em fazer a resenha, mas na hora de opinar. Eu fiz três páginas e não coloquei a minha opinião e, quando eu recebi o seu e-mail com o meu texto corrigido, fiquei surpreso, pois não coloquei mesmo nenhuma opinião.

**26. TUTOR** diz: Nas observações, ALUNO 30, você conseguiu mudar? Quanto ao debate que vocês iniciaram, ALUNOS 28 E ALUNO 16, achei oportuno discutirem mesmo. O que a turma pensa sobre a presença do autor na estrutura da resenha?

**27. ALUNO 23** diz: PROFESSOR, acho que o ALUNO 16 está certo. É importante que tenhamos que colocar o cara que fez o texto mesmo, sabe.

**28. ALUNO 2** diz: Na escola eu tinha feito resenha apenas de um filme, mas não era essa estrutura não...foi mais para falar dele. Quanto ao autor na resenha, acho que é bem aquilo que o senhor falou naquela aula sobre ética na pesquisa, para citar a fonte original e indicar uma posição ética. ☺☺☺ Agora terei que sair, pessoal, desculpa prof. Até p semana e ótimo o debate por aqui....muito massa.

No exemplo 3, percebemos que a Turma Virtual estava discutindo sobre a necessidade ou não de presença da indicação dos autores fontes do momento de confecção da resenha. Obviamente, a discussão estava girando em torno da presença do movimento retórico de indicar quem é o autor do texto resenhado. Como se pode perceber, os turnos de 24 a 28 indicam que o facilitador do conhecimento, em muitos momentos, tem sua imagem centralizadora sendo substituída pela do mediador. O professor não é o que fala mais e nem o que detém a soberania do conhecimento. No turno 24, por exemplo, o ALUNO 28, a partir da pergunta “Na verdade, acho que as informações sobre o autor.. que temos que colocar no início da resenha, são importantes sim, pois como é que vamos saber quem está escrevendo?” (ALUNO 28), expõe sua opinião sobre uma discussão já iniciada (“acho que as informações sobre o autor..que temos que colocar no início da resenha, são importantes sim”), mas inicia uma nova discussão que vai além do que estava sendo debatido, pois ele fala sobre a problemática da exposição de conteúdos, em uma das suas experiências de formação no ensino técnico.

No turno 25, o ALUNO30 indica que compreendeu a estrutura do gênero estudado e indica a dificuldade particular em fazê-lo: argumentar nesse tipo de texto. Chama a atenção o fato de o estudante indicar a importância do retorno da atividade corrigida por meio do e-mail, o que lhe proporcionou reflexão sobre a sua prática de escrita do gênero estudado (“Eu fiz três páginas e não coloquei a minha opinião e, quando eu recebi o seu e-mail com o meu texto corrigido, fiquei surpreso, pois não coloquei mesmo nenhuma opinião”). Como se pode perceber, o chat educacional serviu, nesse momento, para o professor/mediador refletir sobre a fundamental importância de fazer uma atividade e retorná-la corrigida para os seus alunos.

No turno 26, o TUTOR faz uma retomada ao assunto levantado pelo ALUNO30 e, em seguida, chama todos da turma para poderem fazer as suas reflexões (“Nas observações, ALUNO 30, você conseguiu mudar? Quanto ao debate que vocês iniciaram, ALUNOS 28 E ALUNO 16, achei oportuno discutirem mesmo. O que a turma pensa sobre a presença do autor na estrutura da resenha?”).

Na verdade, a aprendizagem em um ambiente virtual como o chat educacional se faz a partir de um trabalho cooperativo entre o professor e os alunos. Esta relação de cooperação é que possibilitará a construção do conhecimento e, conseqüentemente, a construção de um novo educador, consciente de que a consolidação dos trabalhos em uma sala de aula virtual necessita de metodologias e práticas pedagógicas mais sofisticadas; além de um novo tipo de educando que busca o conhecimento de forma autônoma.

### **Considerações finais**

Este trabalho ajudou a entender a ideia de que a modalidade de educação a distância oferece flexibilidade educacional bem como possibilidade para que essa mesma flexibilidade se realize, transpondo e ressignificando conceitos explorados na modalidade presencial (até porque são modalidades pertencentes à mesma categoria: educação), além de apresentar outras características e potencialidades devido às contribuições do meio tecnológico em uso. Outra reflexão que este trabalho permitiu tem a ver com a ideia de que colaborar implica mediar e de que, se mediar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo, a colaboração vivenciada em um chat (ferramenta eminentemente interativa) propicia, de um lado, a compreensão de que não estamos falando de um “simples bate-papo” e, de outro, a subversão do paradigma da sala de aula tradicional, onde um ensina e todos aprendem.

### **Referências**

- ABREU, L. S. O chat educacional: o professor diante desse gênero emergente. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva et al (Orgs.). *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 87-94.
- ARAÚJO, J. C. A conversa na web: o estudo da transmutação em um gênero digital In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos (Orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentidos*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005a. p. 91-109.

- \_\_\_\_\_. Chat educacional: o discurso pedagógico na Internet. In: COSTA, Nelson Barros (Org.). *Práticas discursivas: exercícios analíticos*. Campinas: Pontes, 2005b. p. 97-111.
- \_\_\_\_\_. *Os chats: uma constelação de gêneros na Internet*. 2006. 341 f. Tese (Doutorado em Linguística)- Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.
- ALVES, J. R. M. *Pesquisas em educação a distância*. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisas Avançadas em Educação, 1998.
- DION, J. *L'encadrement - Ateleir 10: L'étudiant*. Quebec: Télé-université du Québec, 1985. (mimeo).
- ELIAS, D. O.; SOUZA, M. H. *Ensino online: educação à distância*. Rio de Janeiro: Centro de estudos Alfa Rio, 2003. Disponível em: <<http://perfline.com/cear/files/ead.html>>. Acesso em: 25 out. 2010.
- GUTIERREZ, F.; PRIETO, D. *A mediação pedagógica: educação a distância alternativa*. Campinas: Papirus, 1994.
- MAROTO, M. L. M. Educação a Distância: *aspectos conceituais*. CEAD, Rio de Janeiro ano 2, n. 08, p. 2-10, jul/set. 1995.
- MASETTO, M. T. *Competência pedagógica do professor universitário*. São Paulo: Summus, 2003.
- MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. Campinas: Papirus, 2000.
- OLIVEIRA, M. K. de. Pensar a educação: contribuições de Vygotsky. In: CASTORINA, J. A. et al. *Piaget, Vygotsky: novas contribuições para o debate*. São Paulo: Ática, 2002. p. 51-84.
- POZO, J. I. *Aprendizes e mestres: a nova cultura da aprendizagem*. Tradução de Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- VALENTE, J. A. Formação de professores: diferentes abordagens pedagógicas. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *O computador na sociedade do conhecimento*. Campinas: Unicamp/Nied, 1999. p. 17-20.
- VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p.100-137.

**Data Submissão:** 07/06/2016

**Data Aceite:** 20/11/2016